

PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

SVETLANA ALEXIEVICH



AS ÚLTIMAS TESTEMUNHAS

ELSINORE

ÍNDICE

13

Em vez de comentários,
para os quais a autora não tem palavras
—

15

- «Ele tinha medo de olhar para trás...», 15
- «O meu primeiro e último cigarro...», 17
- «A minha avó rezava... Pedia que a minha alma regressasse...», 21
- «Jaziam, rosadas, sobre as brasas...», 22
- «Quero sempre a minha mãe...», 25
- «Brinquedos alemães tão bonitos...», 29
- «Um punhado de sal... A única coisa que restou da nossa casa...», 35
- «E beijei todos os retratos no manual escolar...», 39
- «Recolhi-os com as mãos... Eram muito brancos...», 41
- «Quero viver! Quero viver!...», 43
- «Pela casinha do botão...», 44
- «Ouvia apenas o grito da minha mãe...», 48
- «Nós tocávamos, e os soldados choravam...», 51
- «No cemitério, os defuntos jaziam na superfície... Como que mortos mais uma vez...», 54
- «E percebi — era o pai... Os joelhos tremiam-me...», 55
- «Fecha os olhos, filhinho... não olhes...», 58

«O mano chora porque não existia quando o pai
era vivo...», 62
«Essa menina foi a primeira a chegar...», 63
«Sou a tua mamã...», 66
«Pedimos: podemos lamber?...», 67
«... mais uma meia colherzinha de açúcar.», 69
«Não ardas, casinha! Não ardas, casinha!...», 73
«Ela veio de bata branca, como a mamã...», 75
«Ponha-me no colo, tiazinha...», 78
«... e pôs-se a embalá-la como se fosse uma
boneca.», 79
«Já me tinham comprado o livro da primeira
classe...», 81
«... ainda não eram moços casadoiros nem
soldados.», 92
«Que ao menos um filhinho sobreviva...», 93
«Seca as lágrimas com a manga...», 96
«Pendia da corda como uma criancinha...», 98
«Agora serão meus filhos...», 100
«Beijávamos-lhes as mãos...», 102
«Olhava para eles com os olhos de uma menina
pequena...», 104
«A nossa mãe não sorria...», 106
«Não conseguia habituar-me ao meu nome...», 107
«A sua camisa estava molhada...», 109
«Como se ela lhe tivesse salvado a filha...», 112
«Levaram-me nos braços para o acampamento...
Tudo em mim tinha sido pisado, desde os
calcanhares até ao cocuruto...», 115
«E eu, porque sou tão pequeno?...», 119
«Eram atraídos pelo cheiro humano...», 120
«Porque dispararam na cara? A minha mamã era
tão bonita...», 122
«Pedes que eu te dê um tiro...», 127
«Não tinha um lencinho sequer...», 132

«Não havia com quem brincar na rua...», 135
«Abrirei a janela de noite... E entrego as folhinhas
ao vento...», 138
«Cavem aqui...», 144
«O avô foi enterrado por baixo da janela...», 146
«... e ainda alisaram a superfície com as pás
para ficar bonito.», 147
«Vou comprar um vestido com um lacinho...», 149
«Como pode ter morrido, se hoje não houve
tiros?...», 152
«Porque somos meninas, e ele é um menino...», 159
«Não és meu irmão se brincas com rapazes
alemães...», 162
«Nós até esquecemos esta palavra...», 168
«Devia ir para a frente de combate, mas em vez
disso apaixonou-se pela minha mãe...», 174
«Nos últimos instantes, eles gritavam os seus
nomes...», 181
«Nós os quatro puxámos aquele trenó...», 182
«Estes dois meninos tornaram-se levezinhos como
pardais...», 185
«Envergonhava-me de calçar botinas de
rapariga...», 188
«Eu gritava e gritava... Não conseguia parar...», 194
«Todos deram as mãos entre si...», 196
«Não sabíamos sequer como se deve sepultar uma
pessoa... Mas, naquele momento, veio-nos à
memória não se sabe donde...», 198
«Recolheu num cesto...», 199
«Levaram os gatinhos para fora da casa...», 202
«Lembra-te: Mariupol, Parkovaia 6...», 205
«Ouvi o seu coração parar...», 206
«Fugi para a frente atrás da minha irmã,
a primeiro-sargento Vera Rédkina...», 210
«Na direção em que o Sol nasce...», 211

«Na escuridão, a camisa branca nota-se ao longe...», 216
«Sobre o chão limpo que acabei de lavar...», 219
«Será que Deus via aquilo? E o que é que ele pensava...», 221
«O mundo é lindo de morrer...», 223
«Traziam rebuçados compridos e finos... Parecidos com lápis...», 228
«A arquinha era mesmo da sua altura...», 229
«Temia ver este sonho...», 230
«Querida ser a filha única da minha mãe... E que ela me mimasse...», 231
«Não se afundavam, pareciam bolas...», 233
«Lembro-me de um céu muito azul... E dos nossos aviões neste céu...», 238
«Como abóboras maduras...», 240
«Comíamos... o parque.», 243
«Quem chorar será fuzilado...», 247
«“Mãezinha” e “paizinho” – são palavras de ouro...», 248
«Trouxeram-na aos bocadinhos...», 250
«Os pintainhos acabaram de sair da casca... Eu tinha medo de que os pudessem matar...», 254
«Rei de paus... Rei de ouros...», 254
«Uma grande fotografia de família...», 259
«Ao menos, ponho-vos umas batatinhas no bolso...», 260
«O pa-pá pa-pa o pão...», 262
«Deu-me uma *kubanka* com fita vermelha...», 264
«E disparo para cima...», 269
«A minha mãe levava-me nos braços para o primeiro ano de escola...», 270
«Cãozinho querido, perdoa-me... Cãozinho querido, perdoa-me...», 272
«Ela fugia: “Não é minha filha! Não é-é-é!”», 277

«Por acaso éramos crianças? Éramos homens
e mulheres...», 278
«Não dê o fato do pai a um estranho...», 280
«Durante a noite eu chorava: onde está a minha
alegre mãe?...», 281
«Ele não me deixa levantar voo...», 282
«Todos nós queríamos beijar a palavra
“vitória”...», 284
«Com a camisa feita da túnica militar do pai...», 285
«Enfeitei-a com cravos vermelhos...», 286
«Esperei longamente pelo papá... Toda a minha
vida...», 290
«Alcançámos aquela linha... aquele limiar...», 291
—

303

Tentativa de epílogo

Em vez de comentários,
para os quais a autora não tem palavras

«Durante a Grande Guerra Patriótica (1941–1945) pereceram milhões de crianças soviéticas: russos, bielorrussos, ucranianos, judeus, tártaros, letões, ciganos, cazaques, usbeques, arménios, tadjiques...»

«Em tempos, Dostoiévski pôs a pergunta: haverá justificação para a paz, para a nossa felicidade e mesmo para a harmonia eterna, se em nome disso, para a solidez do fundamento, se derramar nem que seja uma pequena lágrima de criança inocente? E ele próprio respondeu — nenhum progresso, nenhuma revolução, nenhuma guerra justificarão esta pequena lágrima. Ela vai sempre pesar mais. Uma única lágrima...»

De fontes várias

«Ele tinha medo de olhar para trás...»

Jénia Belkévitich, 6 anos.

Atualmente, operária.

Junho de 1941...

Fixei na memória. Era muito pequena, mas fixei tudo na memória...

A última coisa da vida de paz que fixei foi um conto fantástico que a minha mãe nos lia antes de adormecermos. O meu preferido, o *Peixinho de Ouro*¹. Eu também pedia sempre algo ao Peixinho de Ouro: «Ó Peixinho de Ouro... Meu querido Peixinho de Ouro...» E a minha mana também pedia, mas de outra forma: «Por ordem do Lúcio, por vontade minha...»² Queríamos ir passar o verão a casa da avó e que o meu pai fosse connosco. Ele era tão divertido.

Pela manhã, acordei com medo. Por causa de uns sons estranhos...

¹ *Conto do Pescador e o Peixinho*, de Aleksandr Púchkin. [Todas as notas são da responsabilidade da tradutora.]

² *Por Ordem do Lúcio*, conto fantástico russo.

Os meus pais pensavam que estávamos a dormir, mas eu, deitada ao lado da mana, fingia. Vi que o meu pai beijou longamente a minha mãe, beijou-lhe a cara, as mãos e admirei-me: nunca antes a beijara dessa maneira. Eles saíram de casa de mãos dadas, eu corri para a janela — a minha mãe estava abraçada ao meu pai e não o largava. Ele arrancou-a de si e correu, ela alcançou-o e não queria largá-lo outra vez, gritava algo. Então, também gritei: «Papá! Papá!» A minha mana e o meu mano Vássia acordaram, a minha mana vê-me chorar e também grita: «Papá!» Saímos da casa a correr: «Papá!!»

O meu pai viu-nos e — tenho-o bem presente na memória — levou as mãos à cabeça e pôs-se a andar, até a correr. Tinha medo de olhar para trás.

O sol iluminava-me a cara. Um calorzinho... Mesmo agora, custa-me acreditar que, naquela manhã, o meu pai partia para a guerra. Eu era muito pequena, mas acho que estava ciente de que o via pela última vez. E nunca mais o reencontraria. Eu era mesmo... mesmo pequenina...

Foi assim que me ficou na memória: a guerra é quando não temos o pai...

Depois, lembro-me: um céu preto e um avião preto. Junto à estrada, jaz a nossa mãe, com os braços abertos. Pedimos-lhe que se levante, mas ela não se levanta. Não se mexe. Os soldados enrolaram-na numa capa militar e enterraram-na na areia, nesse mesmo sítio. Nós gritávamos e pedíamos: «Não enterrem a nossa mãezinha na covinha. Ela vai acordar e seguimos caminho.» Uns besouros grandes rastejavam pela areia... Eu não conseguia imaginar como é que a minha mãe iria viver debaixo da terra com eles. Como poderíamos encontrá-la depois, como iríamos reunir-nos? Quem escreveria ao nosso pai? Um soldado perguntava-me:

«Como te chamas, menina?»

Mas eu tinha-me esquecido.

«Qual é o teu apelido, menina? Como se chama a tua mãe?»

Não me lembrava... Ficámos sentados junto ao montículo da nossa mãe até à noite, até que alguém nos apanhou e nos sentou numa carroça. Uma carroça cheia de crianças. Era conduzida por um velho, ele recolhia quem encontrasse pelo caminho. Chegámos a uma aldeia desconhecida e umas pessoas desconhecidas levaram-nos para as suas casas.

Fiquei sem fala durante muito tempo. Limitava-me a olhar.

Depois, recordo o verão. Um verão cheio de luz. Uma mulher desconhecida faz-me festinhas na cabeça. Começo a chorar. E a falar... A contar sobre a minha mãe e o meu pai. Como ele se afastou de nós a correr e nem sequer olhou para trás... Como a minha mãe jazia... Como os besouros rastejavam na areia...

A mulher faz-me festinhas na cabeça. Percebi naqueles instantes: ela era parecida com a minha mãe...

*

«O meu primeiro e último cigarro...»

Guéna Iuchkévitich, 12 anos.

Atualmente, jornalista.

A manhã do primeiro dia da guerra...

Há sol. E um silêncio nada habitual. Um silêncio incompreensível.

A nossa vizinha, mulher de um militar, saiu de casa banhada em lágrimas. Sussurrou algo à minha mãe, mas mostrou por gestos que devíamos estar calados. Toda a gente tinha medo de falar em

voz alta sobre o sucedido, mesmo quando já se sabia, pois havia pessoas que já tinham recebido a notícia. Mas tinham medo de serem chamadas de provocadoras. De semeadoras de pânico. Isso era mais assustador do que a guerra. Tínhamos medo... É o que penso agora... E, naturalmente, ninguém acreditava. Nem de longe! O nosso exército defende a fronteira, os nossos líderes estão no Kremlin! O país está protegido com segurança, é inacessível para os inimigos! Era o que pensava naquela altura... Era um pioneiro³.

Os aparelhos de rádio estavam ligados. Esperávamos o discurso de Estaline. A sua voz fazia falta. Mas Estaline guardava silêncio. Depois, discursou Mólotov. Todos escutaram. Mólotov disse: «Há guerra.» Mesmo assim, ainda ninguém acreditava. Onde estaria Estaline?

Alguns aviões sobrevoaram a cidade... Dezenas de aviões desconhecidos. Com cruzes. Taparam o céu, taparam o sol. Um horror! Começaram a cair bombas... As explosões davam-se sem parar. Estrondos. Tudo se passava como num sonho. Era algo irreal. Eu já não era tão pequeno, memorizei os meus sentimentos. O medo que se espalhava pelo meu corpo. Por todas as palavras. Pelos pensamentos. Saímos a correr para fora de casa, corremos pelas ruas sem saber bem para onde... Parecia-me que a cidade já deixara de existir, que só havia ruínas. O fumo. O fogo. Alguém disse: temos de correr para o cemitério, porque não iriam bombardear o cemitério. Para que serve bombardear os mortos? Na nossa zona, havia um grande cemitério judaico, com árvores velhas. E todos precipitaram-se para lá, milhares de pessoas juntaram-se ali. Abraçavam as pedras tumulares, colavam-se às lápides.

³ Membro da Organização de Pioneiros, organização infantojuvenil comunista.

Fiquei lá com a minha mãe até ao cair da noite. Ninguém em redor pronunciava a palavra «guerra», ouvi outra palavra: «provocação». Toda a gente a repetia. Dizia-se que as nossas tropas não demorariam a passar à ofensiva. Estaline deu a ordem. E acreditava-se nisso. Mas as sirenes das fábricas na periferia de Minsk soaram toda a noite... Os primeiros mortos...

Primeiro... vi um cavalo morto... Depois... uma mulher morta... Fiquei surpreendido. Imaginava que na guerra só morriam homens.

Acordo de manhã... Quero saltar da cama, mas depois lembro-me — há guerra — e fecho os olhos. Resisto a acreditar nisso.

Pararam de disparar lá fora. De repente, veio o silêncio. Durante uns dias, houve calma. E, depois, seguiu-se uma movimentação... Vai, por exemplo, um homem branco, todo branco, desde os sapatos até ao cabelo. Coberto de farinha. E carrega um saco branco nas costas. Um outro corre... Latas de conserva caem-lhe dos bolsos, também segura latas de conserva nas mãos. Rebuçados... Maços de tabaco... Alguém leva à sua frente um chapéu cheio de açúcar... Um tacho com açúcar... É indescritível! Alguém carrega um rolo de tecido, outro vai todo enfaixado em chita azul. Vermelha... Dá para rir, mas ninguém se ri. Uns armazéns de alimentos tinham sido destruídos pelas bombas. Uma grande mercearia perto da nossa casa também foi destruída... As pessoas acorreram para apanhar o que lá ficou. Na fábrica de açúcar, algumas pessoas afogaram-se nos tanques com melaço. Um horror! Toda a cidade comia sementes de girassol. Encontraram, algures, um armazém com sementes. Diante dos meus olhos, uma mulher entrou a correr na mercearia... Não trazia nada com ela, nem um saco, nem uma rede de compras. Então, despiu a combinação e as *culottes*. Encheu aquilo tudo com trigo sarraceno e levou. Tudo isso, curiosamente, sem proferir uma palavra. Ninguém falava.

Quando chamei pela minha mãe, só restava mostarda, frascos amarelos com mostarda. «Não leves nada», pediu ela. Mais tarde, confessou que tivera vergonha porque toda a sua vida me ensinara coisas bem diferentes. Mesmo quando passávamos fome e recordávamos esses dias, não lamentávamos nada. A minha mãe era assim.

Pela cidade... Pelas nossas ruas passeavam soldados alemães, nas calmas. Filmavam tudo. Riam-se. Antes da guerra, tínhamos um jogo preferido, desenhávamos alemães. Desenhávamo-los com grandes dentes. Com presas. Mas ei-los andando por aqui... Jovens, bonitos... Com bonitas granadas metidas nos canos das botas resistentes. Tocam harmónicas. Até se metem com as nossas raparigas bonitas.

Um alemão idoso arrasta um caixote. O caixote é pesado. Ele chama-me e mostra com gestos: ajuda. O caixote tinha duas asas, pegámos os dois nelas. Depois de o termos levado para onde era preciso, o alemão deu-me umas palmadinhas no ombro e tirou do bolso um maço de cigarros. Aqui tens, tipo recompensa. Cheguei a casa. Mal podia esperar, sentei-me na cozinha e acendi o cigarro. E não ouvi o bater da porta, entra a minha mãe:

«Estás a fumar?»

«Hmm...»

«E donde vêm os cigarros?»

«São alemães.»

«Não só fumas, como os cigarros são do inimigo. Isso é traição à Pátria.»

Foi o meu primeiro e último cigarro.

Uma noite, a minha mãe sentou-se ao pé de mim:

«É-me insuportável que eles estejam aqui. Compreendes?»

Ela queria lutar. Desde os primeiros dias. Resolvemos procurar resistentes clandestinos, não duidávamos de que existissem. Não duidámos por um único instante.

«Amo-te mais do que tudo no mundo», disse a minha mãe.
«Compreendes? Vais perdoar-me se nos acontecer alguma coisa?»

Apaixonei-me pela minha mãe, passei a obedecer-lhe sem discutir. E isso ficou para toda a vida.

*

«A minha avó rezava... Pedia que a minha alma regressasse...»

Natacha Gólik, 5 anos.

Atualmente, revisora de textos.

Aprendi a rezar... Lembro-me com frequência de como aprendi a rezar durante a guerra... Disseram que havia guerra, mas, aos cinco anos, eu não fazia ideia — o que é fácil de compreender — do que era isso. Não tinha medos nenhuns. Mas foi o medo, precisamente o medo, que me fez adormecer. E dormi dois dias. Passei dois dias prostrada, como uma boneca. Todos pensavam que tinha morrido. A minha mãe chorava e a avó rezava. Rezou dois dias e duas noites.

Abro os olhos e a primeira coisa que me vem à memória é a luz. Uma luz muito radiosa, extraordinariamente radiosa. Esta luz causava-me dor. Ouço uma voz, reconheço-a: é a voz da minha avó. A avó está parada diante do ícone, a rezar. «Avó... Avó...», chamei-a. Ela não se virou. Não acreditou que era eu a chamá-la... Mas eu já estava acordada... de olhos abertos...

«Avó», perguntei-lhe mais tarde, «como é que tu rezavas quando eu estava a morrer?».

«Pedia para que a tua alma regressasse.»

Um ano depois, a nossa avó morreu. Eu já sabia rezar. Rezava e pedia para que a sua alma regressasse. Mas não regressou.

A 22 de junho de 1941, a Alemanha nazi invade a União Soviética, quebrando o pacto de não-agressão celebrado entre as duas nações e dando início ao que ficaria conhecido do lado russo como a Grande Guerra Patriótica. No final do conflito, em 1945, tinham morrido cerca de três milhões de crianças — russas, ucranianas, judias, ciganas, tártaras — e, só na Bielorrússia, vinte e sete mil viviam em orfanatos. Mais de quarenta anos depois, a Prêmio Nobel de Literatura Svetlana Alexievich recolheria os testemunhos pungentes de uma centena desses sobreviventes cuja infância foi destruída pela morte, a fome, o medo, a violência na Frente Oriental.

Ao dar a palavra àqueles que nunca a tiveram e cujas memórias, muitas vezes uma imagem, um cheiro ou um sentimento, são fundamentais para uma compreensão humana da guerra, Alexievich constrói um «romance de vozes» que é verdadeira literatura, transformando os horrores do maior conflito do século xx em memorial vivo e autêntico, em história oral.

«Um livro infalível a combater a perda
de memória e a manipulação do passado.»

José Carlos Fernandes, *Time Out*

«Muitas destas histórias contadas por crianças
têm qualquer coisa de contos fantásticos — quer porque
falam dos medos, dos traumas, dos sonhos da infância,
quer porque têm algo de irreal.»

José Cabrita Saraiva, *Jornal i*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[f elsinore.pt](https://www.facebook.com/elsinore.pt)

[penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-589-542-7



9

789895 895427